

O COBERTOR ENCANTADO

Nos idos de 1941, com a cabeça cheia de sonhos, saí desta aldeia e fui para a capital, único lugar em que era possível a instrução superior. Levei uma porção de livros, muito entusiasmo e um enxoval primorosamente organizado e feito por minha Mãe.

Cheguei em São Paulo num dia chuvoso, frio e cinzento. Quando a chuva parava um pouco, uma garoa fina gelava os ossos. Carinhosamente meus pais me acompanharam nessa primeira viagem e me instalaram numa pensão da Brigadeiro Luiz Antonio, próxima à Faculdade de Direito.

Eu tinha tudo para enfrentar a cidade grande: mocidade, saúde, dezessete anos, disposição para a luta e fome de saber, de comida e... de amor. Materialmente estava bem amparado, com roupas, dinheiro, remédios e um mundo de pequenas coisas, tais como tesourinha, esparadrapo, tintura de iodo, agulhas, linhas de costura e botões. Meus pertences incluíam um cobertor bege, com listras marrons, feito de fina lã, com debrum vermelho. Era perfeito: macio e leve, agasalhava sem oprimir. Foi meu companheiro durante todo o curso: amenizou as noites frias, me protegeu, ficou sobre minhas

costas quando, nas vésperas dos exames, amanhecia estudando. Era um companheiro fiel, o silencioso amigo da minha solidão. Com o passar do tempo, comecei a amá-lo como se ele fosse uma pessoa, como se fosse gente.

Um belo dia, conheci uma moça linda, trigueira, de corpo sinuoso, com olhos puxados e cabelos lisos, pretos e longos. Até hoje guardo a saudade de tanta felicidade. Certa feita, a minha "cigana" me procurou na pensão. Viu o cobertor, ficou pálida, arfante e depois de olhar para dentro de si mesma, como se fosse uma pitonisa, disse umas palavras que não entendi direito: "Esse cobertor faz parte de você. Não o perca, não o troque. Conserve-o sempre. É a sua própria vida. Enquanto ele durar... está tudo bem".

Os anos foram passando. Voltei para Itápolis. Constituí família, com filhos e netos. Envelheci. Ainda tenho o cobertor bege. Tive outros, mas ele ainda é meu predileto, embora esteja desgastado, usado, "poído", fino. Não é mais bonito. Está cheio de remendos. Seu debrum vermelho descorou, sua lã está ficando, irremediavelmente, careca. Ele já não aquece direito. Ninguém entende porque dele não me separo. Eu sei que um dia ele vai acabar, embora, para outros, tudo continue. E o mundo está repleto de beleza e de amor. Não sei quanto tempo ele durará... Que pena! Que pena!